

SOFIA NEUPARTH
CHRISTINE GREINER
(ORGANIZADORAS)

ARTE AGORA
PENSAMENTOS ENRAIZADOS
NA EXPERIÊNCIA



G839 Neuparth, Sofia, Org.; Greiner, Christine, Org.
Arte agora : pensamentos enraizados na experiência. / Organização de Sofia Neuparth e Christine Greiner. – São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Leituras do Corpo)

224 p. ; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-391-0253-2

1. Linguagem do Corpo. 2. Comunicação. 3. Comunicação Não Verbal. 4. Corpomídia. 5. Arte em Movimento. 6. Festival Urbano Pedras d'Água. 7. Lisboa. 8. Portugal. 9. C.e.m. – Centro em Movimento. 10. Sobre ser e poder. 11. Sobre dizer e fazer. 12. Sobre estar e ocupar. 13. Sobre viver e conviver. I. Título. II. Série. III. Neuparth, Sofia, Organizadora. IV. Greiner, Christine, Organizadora.

CDU 800.95

CDD 301.21

Catalogação elaborada por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

ARTE AGORA: PENSAMENTOS ENRAIZADOS NA EXPERIÊNCIA

Coordenação de produção: Ivan Antunes
Diagramação: Rai Lopes
Finalização: Catarina Consentino

Conselho Editorial
Eduardo Peñuela Cañizal
Norval Baitello junior
Maria Odila Leite da Silva Dias
Celia Maria Marinho de Azevedo
Gustavo Bernardo Krause
Maria de Lourdes Sekeff (*in memoriam*)
Pedro Roberto Jacobi
Lucrécia D'Alessio Ferrara

1ª edição: junho de 2011

© Sofia Neuparth | Christine Greiner

ANNABLUME editora . comunicação
Rua M.M.D.C., 217. Butantã
05510-021 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidens 3031-1754
www.annablume.com.br

Projeto-processo-produto: uma proposta evolucionista para rever o projeto artístico

Helena Katz

Um campo científico se constrói na articulação entre observação, levantamento de hipóteses, realização de experimentos e compartilhamento de seus resultados. Desse modo, produzem-se explicações que, mais adiante, podem ser abandonadas em favor de outras, que as substituem. No processo de delimitação de saberes que vai sendo implantado com tais práticas, o projeto ocupa lugar de destaque. Mais que isso: é o projeto que sustenta a estrutura hoje vigente nos diversos saberes. Ele é o que vem antes, lançando para adiante, para o tempo chamado de futuro, a realização do que propõe. Organiza-se em uma lógica temporal sequencial e instaura-se como um agente ordenador. Tal entendimento de projeto é hegemônico e aqui se propõe identificar os comprometimentos dele advindos, confrontando-o com uma concepção evolucionista de projeto, de extração darwiniana e peirceana, que questiona a lógica que o sustenta porque comprime a ab-

dução a ponto de impedir que ela seja percebida como a ignição para todas as descobertas. O objetivo é seguir na direção de uma singularização do projeto artístico, libertando-o de um modelo no qual não se abriga bem.

No mundo acadêmico, o projeto se constitui no fiador da pesquisa, sendo tomado como o eixo legitimador do conhecimento. O sucesso do seu modelo lógico pulou os muros da Universidade e passou a pautar o viver em sociedade, perpetuando um certo entendimento de tempo e de vida que vale a pena investigar. E a primeira observação a guiar o percurso que aqui se propõe é a de que esse entendimento de projeto que hoje vigora pisoteia as especificidades das áreas nas quais atua com um modelo epistemológico ‘universalizado’ de existência, postulando o que merece ser chamado de conhecimento. No mundo – e não somente no acadêmico – projetar é planejar. O substantivo ‘projeto’ vem do verbo proicere, que, em latim, quer dizer ‘jogar algo adiante’. O termo se compõe de duas instâncias, agregando o prefixo ‘pro’ (algo que precede no tempo) à ação indicada no resto da palavra por ‘icere’ (que vem de outro verbo, iacere, e quer dizer ‘jogar’). Se a construção de um campo epistemológico vem do projeto, que apoia-se na ação de planejar através das regras que asseguram como ‘jogar algo adiante’, e essa compreensão escorreu para a vida, cabe investigar quais as implicações desse conceito de projeto nos papéis sociais que dele derivam.

Lembremos que o projeto de pesquisa acadêmico vincula três situações: o ato de planejar, a descrição do ato de planejar e a realização do plano anunciado (ou a

explicação do(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) ele não é realizável). Em atividade de pesquisa, entende-se o projeto como a ação indispensável para produzir aquele resultado que está 'jogado adiante'. Para atingí-lo, há que seguir as etapas de uma estrutura lógica distribuída no tempo em três momentos distinguidos e subseqüentes. No primeiro momento, vem a proposta do projeto; depois, a exploração da(s) sua(s) hipótese(s), que serão testada(s), discutida(s), confrontada(s), substituída(s), transformada(s) e, por fim, comprovada(s) ou abandonada(s)/reproposta(s), de modo a resultar(em) no que foi anunciado. Esses três momentos, que acontecem no tempo linear e sucessivo, são nomeados de projeto, processo e produto.

Projeto é um empreendimento planejado que consiste num conjunto de atividades interrelacionadas e coordenadas, com o fim de alcançar objetivos específicos dentro dos limites de um orçamento e de um período de tempo dados" (PROCHONW, Schaffer, 1999 apud ONU, 1984).

Reduzido ao documento escrito que contém a relação do conjunto de atividades a serem executadas e do que se faz necessário para o seu desenvolvimento, o projeto circunscreve e contextualiza o que vai realizar, justifica a sua necessidade/oportunidade, apresenta o corpus teórico que ampara as suas proposições, descreve o(s) seu(s) objetivo(s) e objeto(s), que meios serão utilizados, quais os recursos necessários para atingí-los e como serão obtidos, e também como se dará a avaliação do(s) seu(s) resultado(s). Um projeto depende da correta identifica-

ção do seu problema, do que ele envolve e do que o delimita. Muitas vezes, vem depois de um anteprojeto, um estudo preparatório, da mesma família lógica do projeto.

“Entretanto, antes de redigir um projeto de pesquisa, alguns passos devem ser dados. Em primeiro lugar, exigem-se estudos preliminares que permitirão verificar o estado da questão que se pretende desenvolver sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já elaborados. Tal esforço não será desperdiçado, pois qualquer tema de pesquisa necessita de adequada integração na teoria existente e a análise do material já disponível será incluída no projeto sob o título de ‘revisão da bibliografia’. A seguir, elabora-se um anteprojeto de pesquisa, cuja finalidade é a integração dos diferentes elementos em quadros teóricos e aspectos metodológicos adequados, permitindo também ampliar e especificar os quesitos do projeto, a ‘definição dos termos’. Finalmente, prepara-se o projeto definitivo, mais detalhado e apresentando rigor e precisão metodológicos” (MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M, 2006, pg.99).

A organização do projeto em um documento distribui o trabalho nas etapas a serem cumpridas, e torna público o que se quer alcançar. Tal organização permite:

- a) identificar as principais deficiências que porventura venham a ocorrer;
- b) apontar possíveis falhas durante a execução das atividades previstas;

c) superar tais entraves.

Não é aparente, mas já neste início de reflexão sobre o papel do projeto na sociedade, pode-se identificar que as regras que determinam como deve ser estruturado embutem ferramentas de controle bastante severas. A sua divisão em etapas sequenciais e claramente descritas favorece o exercício do controle, mas não somente o controle da sua realização – que é como habitualmente as pensamos. No centro desse controle encontra-se o conceito de ordem atado aos de previsibilidade e de estabilidade. A hipótese central aqui proposta é a de que foi esse conceito de ordem que passou a normatizar todo um modo de viver em sociedade.

E quando se fala nesse tipo de ordem, é o momento de lembrar que o físico austríaco Erwin Schrodinger (1887-1961), Prêmio Nobel de 1933, disse (1967) que a vida pode ser definida em função da segunda lei da termodinâmica, aquela que diz que o mundo tende a um estado mais desordenado porque a entropia (perda de organização) de qualquer sistema aumenta com o passar do tempo. Numa tentativa de mostrar como a física quântica pode ser usada para explicar a estabilidade da estrutura genética, escreveu *What is Life?* (O que é a vida?), em 1944, tornando-se um dos precursores da biofísica. Sugeriu que aquilo que os físicos nomeavam de salto, os biólogos chamavam de mutação, e que, à luz da mecânica quântica, seria legítimo admitir que um novo arranjo estrutural determinava o sucessivo desenvolvimento de um organismo vivo.

Apesar da descrição do nosso mundo como aquele no qual a entropia aumenta com o tempo, a aparência das coisas vivas continua a desafiar a perspectiva de que nos encaminhamos para a morte térmica do Universo. Ou seja, parece haver uma ordem se sobreimpondo à perspectiva de sua perda. A vida parece escapar do aperto das estatísticas.

“A flecha do tempo dada pela entropia – a perda de organização, ou perda de diferenças de temperatura – é estatística e está sujeita a inversões locais em pequena escala. O mais surpreendente: a vida é uma inversão sistemática de entropia, e a inteligência cria estruturas e diferenças de energia contra a suposta “morte” gradual por meio da entropia do universo físico” (GREGORY, 1981, p.136)

O fato da vida conseguir surpreender nosso destino termodinâmico colabora para se entender que o elo que ata projeto e ordem deve ser questionado. Aqui será trazida uma combinação entre o evolucionismo de extração darwiniana e a semiótica peirceana para problematizar o entendimento de projeto como instrumento da ordem que objetiva o progresso do campo no qual se insere, seja ele acadêmico, artístico ou civil e identificar os comprometimentos daí advindos.

A ordem representa um padrão, uma regularidade, e o projeto, uma utilização desse padrão (a ordem) com um propósito. Todo projeto trabalha com “limites relativamente impenetráveis que coincidam com os limites epistêmicos de seus criadores” (DENNETT, 1998, p.223).

Uma vez que se organiza com as epistemologias praticadas pelos seus autores, torna-se um poderoso instrumento da sua disseminação. Não à toa, as regras que o ordenam sequencialmente nas partes que o constituem expõem, em ponto aumentado, o que está consagrado como o saber no qual se pode confiar. Ele deve ser fruto de uma lógica que começa na descrição de um contexto, identifica nele um problema, encontra um objeto no qual esse problema se manifesta, formula uma hipótese a respeito do problema, apresenta as razões pelas quais vale a pena resolvê-lo e diz como o fará. Tudo isso, é claro, apoiado em pensadores reconhecidos como autoridades confiáveis para lidar com o tema da pesquisa. A característica que costura todas as fases é a previsibilidade, o chão no qual se apoia este tipo de sistema, mesmo quando abre espaço para situações não inteiramente delimitadas e descritas. O que a experiência vem demonstrando é que quando a situação não cabe no projeto, faz-se outro, no mesmo molde.

Isto ocorre porque é a lógica causal que permeia o modelo de projeto vencedor que sustenta a produção bibliográfica sobre metodologia científica, e porque cada projeto se insere em uma trilha composta por outros projetos já realizados, com um sentido de aperfeiçoamento ou de superação, carregando a flecha do progresso. Mesmo a hipótese, não escapa dessa obediência.

“A hipótese é um enunciado geral de relações entre variáveis (fatos, fenômenos), formulado como solução provisória para determinado problema, apresentando caráter explicativo ou preditivo, compatível com o conhecimento científico (coerência

externa) e revelando consistência lógica (coerência interna), sendo passível de verificação empírica em suas consequências” (MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M, 2006, pg.161).

Compreendido o ambiente no qual o projeto vive, torna-se possível identificar, na sua associação com o binômio ordem/progresso, um certo extrato lamarkista¹. Um acordo tácito no qual o projeto é uma espécie de escada de aperfeiçoamento a ser galgada entre a hipótese (um indicativo, uma idéia sobre, algo como uma sugestão baseada em um diagnóstico) que soluciona provisoriamente o problema com o seu enunciado, até ser comprovada pelo produto que vier a apresentar.

“O projeto é uma das etapas componentes do processo de elaboração, execução e apresentação da pesquisa. Esta necessita ser planejada com extremo rigor, caso contrário o investigador, em determinada altura, encontrar-se-á perdido num emaranhado de dados colhidos, sem saber como dispor dos mesmos ou até desconhecendo seu significado e importância” (MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M, 2006, pg.99).

-
1. Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (1744-1829), naturalista francês, desenvolveu uma teoria da evolução que foi desacreditada e vem passando por uma revisão, baseada em duas crenças: 1) a de que existe uma tendência ao melhoramento constante, rumo à perfeição. Haveria uma força externa agindo em linha contínua e progressiva, aumentando a complexidade dos seres menos desenvolvidos até os mais desenvolvidos; 2) esta tendência não atuaria sozinha na evolução, pois haveria também a lei do uso e desuso que, conjugada com a transmissão dos caracteres adquiridos, provocaria desvios na linha evolutiva.

A hipótese é o que monta a escada para o processo que resultará no produto. Ao ser formulada, formula junto o processo necessário para o seu desenvolvimento. Tal afirmação tem o propósito de explicitar que toda hipótese gera, a partir de si mesma, o processo adequado para nele se abrigar. Ou seja, o processo não vem depois, pois nasce junto com a sua formulação. Para os que estranham, cabe destacar que essa proposta depende do entendimento de passado-presente-futuro em simultaneidade, fora da linearidade temporal-sequencial que separa os três termos não somente em antes e depois, mas sobretudo no antes que causa o depois. Para quem não tem familiaridade com essa simultaneidade soa mesmo muito estranho dizer que o presente é o que o passado e o futuro produziram até agora. Pode parecer estranho atribuir ao futuro uma ação já aocntecida, manifesta no presente. Todavia, se a hipótese indica o modo como deve ser realizada, isso quer dizer que o seu futuro desenvolvimento se anuncia quando ela mesma se enuncia.

Epistemologias

A epistemologia foi popularizada por Bachelar nos anos 30, mas vem de uma linhagem mais antiga. Epistemologia vem de episteme, termo grego que equivale, de modo geral à ciência, embora Platão e Aristóteles designassem a ciência, que consideravam a forma mais elevada de conhecimento, por *theoria*. Platão e Aristóteles consideravam que a *theoria* era aquilo que descrevia a contemplação da realidade abstrata, ou seja, que a epistemologia dizia respeito à metafísica.

Um outro sentido de epistemologia vai surgir na modernidade, e se refere à *techné*, ao conhecimento produtivo, operacional, instrumental. Trata-se de uma compreensão mais ampliada de epistemologia, que cobre todos os saberes de interesses práticos, da mecânica à escultura, à dança. É essa epistemologia distendida que está sendo aqui considerada.

Em termos epistemológicos, podemos tratar o projeto como um modelo de entendimento de mundo que consolida o racionalismo (quando baseados na dedução como a lógica que traz novas descobertas) e o empirismo (quando baseados na indução como a lógica que conduz o particular para o geral). Com a escolha da dedução e da indução como as formas de raciocínio confiáveis, o modelo da ordem e do controle fica assegurado.

Além de ser necessário sublinhar a estrutura causal que o projeto dissemina, vale lembrar também que não há conhecimento separado dos atores sociais que o promovem, e que diferentes modos de viver em sociedade produzem epistemologias distintas. Como se sabe, as relações sociais são sempre culturais e políticas. Apesar disso, o que continua a dominar a epistemologia é um entendimento que não leva em consideração o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento. Bem ao contrário, vive em um mundo no qual todas as discussões já realizadas em torno da ciência não ser a produtora do conhecimento verdadeiro (e, portanto, universal) parecem ainda não terem sido travadas.

Quando se lembra que todo corpo é corpomídia de si mesmo (KATZ & GREINER) e que esse 'si mesmo' re-

fere-se a um corpo em fluxo contínuo de contaminações com os ambientes por onde esteve e está², compreende-se o poder que este modelo de projeto tão disseminado tem a aptidão de promover, em termos cognitivos, no corpo que vive nos ambientes que deles nascem.

Lógica da abdução e processos de criação

O que tem movido o texto até aqui é o desejo de deixar clara a existência de um certo modelo de projeto, cuja acelerada disseminação em todos os campos profissionais distribui um certo modo de pensar a vida que vem nos pautando quando não estamos fazendo qualquer projeto. Que esse modelo de projeto atua como um operador cognitivo do mundo que ele representa.

“Modelos são parte de estratégias usadas para entender estruturas e processos de evidências por aproximações, através de descrições simplificadas dessas evidências. Toda modelização envolve idealização, simplificação, abstração e sistematização de um fenômeno” (QUEIROZ, 2004, p.51)

O modelo de projeto aqui tratado apoia-se na dedução e na indução, mas ignora o primeiro termo da sua tríade estruturadora. Pois é a abdução a chave que permite o entendimento de projeto fora da ordenação sequen-

2. Para conhecer melhor a Teoria Corpomídia, consulte os textos de Katz & Greiner em www.helenakatz.pro.br e os livros de Christine Greiner (2005, 2010) e Helena Katz (2005).

cial-temporal que habitualmente o relaciona somente à dedução ou indução. Com Peirce³, torna-se possível compreender a abdução como uma 'lógica da descoberta', e isso se dá porque, além dela ser considerada também uma forma de raciocínio, é tida como a única capaz de produzir idéias novas. Apresentada como "o processo de formar hipóteses explanatórias" (CP 5.171), a abdução é conduzida por uma espécie de "instinto adivinatório" e, tratada como sendo uma estratégia de investigação.

Para os que levam em consideração a abdução, o mais comum tem sido localizá-la somente na primeira etapa, aquela responsável pela formulação da hipótese. Diferenciando-se desse entendimento, o que aqui se pretende é chamar a atenção para o fato de que a abdução faz parte das três etapas do projeto (projeto-processo-produto), com pesos e intensidades diferentes em cada uma delas. Isso é possível quando se compreende que todas as formas de raciocínio começam na abdução, sendo ela também uma forma de raciocínio, e não aquilo que vai permitir o raciocínio. A abdução está presente em todas as etapas do projeto, pois é com ela que tateamos qualquer situação ainda não descrita, ainda não formulada.

A abdução inicia o discernimento, uma habilidade cognitiva que nos torna capazes de identificar, seja como necessidade planejada ou como uma repentina reorgani-

3. Charles Sanders Peirce (1839-1914) formou-se em Harvard em física e matemática, e em química na Lawrence Scientific School.. Deixou contribuições em várias áreas do conhecimento: lógica, astronomia, geodésica, matemática, teoria e história da ciência, econometria, psicologia, e especialmente semiótica, sendo considerado o fundador da semiótica norte-americana.

zação da experiência. O instante fugaz em que o discernimento começa acontece em meio a uma grande quantidade de variáveis. E surge como um dentre inúmeros outros possíveis jogos combinatórios.

O corpo está exposto a todo tipo de estímulos, em um fluxo permanente que mistura o que vem de fora (fatos do mundo, outros projetos...) com o que é corpo (a coleção de informações que o constitui a cada momento). Esse fluxo de estímulos produz as mais diversas contaminações, dentre as quais apenas uma nos encaminha em direção ao produto que finalizará o projeto. O que nos carrega até ele é o cego “instinto adivinhatório” da abdução e, como a maior parte dos estímulos casuais, esse também, muito provavelmente, ocorre em nosso inconsciente cognitivo⁴. Não poucas vezes, não nos damos conta do que exatamente nos conduziu ao resultado.

O projeto da evolução

A respeito da relação entre o projeto e o seu resultado, Fodor descreve o tipo de situação que pode nos ajudar a entender a proposta que está aqui sendo apresentada:

4. George Lakoff e Mark Johnson escreveram em 1999 *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge To Western Thought*, livro no qual descrevem que as três maiores descobertas das ciências cognitivas são: a mente é corporificada, o pensamento é em parte inconsciente e os conceitos abstratos são em parte metafóricos. O entendimento do inconsciente cognitivo como parte constitutiva da consciência é fundamental para o processo de construção do sistema conceitual mediado pela compreensão de mundo, no qual a razão abstrata não é considerada separada do sistema sensório-motor, mas sim construída a partir da ação do corpo no mundo.

a explicação de que esse outro tipo de projeto está distribuído por toda a natureza, “sendo uma criação extremamente única e insubstituível, que jamais poderia ser exatamente duplicada em seus muitos detalhes” (DENNETT, 1998, pg.546).

“O que é o trabalho do projeto? É esse maravilhoso casamento de acaso e necessidade, acontecendo em trilhões de lugares ao mesmo tempo, em trilhões de níveis diferentes. E que milagre causou isso? Nenhum. Simplesmente aconteceu, na plenitude do tempo” (DENNETT, 1998, pg.546).

Charles Darwin propôs, em 1859, que um processo cego, inconsciente e automático seria o responsável pela existência e pela forma de todos os seres vivos. Como o processo não tinha mente, não possuía capacidade de imaginar, não podia planejar nada com vistas ao futuro. Se se pudesse pensar nesse processo como sendo uma espécie de relojoeiro da natureza, ele seria um relojoeiro cego. A seleção natural é o relojoeiro cego que funciona por transformações graduais, passo a passo, partindo de fenômenos suficientemente simples para terem surgido do acaso. (DAWKINS, 2001, pg.23-24, 42).

Dawkins explica ainda que cada mudança sucessiva no processo de transformação gradual que foi acontecendo, e que recebe o nome de evolução, também foi simples o bastante, em relação à mudança anterior, para também ter acontecido por acaso. O mais interessante nesse processo, contudo, é que o fato desses passos cumulativos

terem sido produzidos ao acaso não significa que eles se organizam em uma sequência aleatória.

A organização biológica é um bom exemplo de um tipo de seleção cumulativa interessante para se pensar esse outro tipo de projeto aqui proposto.

“Na seleção cumulativa, por sua vez, as entidades “reproduzem-se” ou, de alguma outra maneira, os resultados de um processo de peneiragem são incluídos na peneiragem seguinte, cujos resultados, por sua vez, passam para a próxima, e assim por diante. As entidades sujeitas à seleção ou classificação ao longo de muitas gerações, sucessivamente. O produto final de uma geração de seleção é o ponto de partida para a próxima geração de seleção, e assim por muitas gerações” (DAWKINS, 2001, pg. 76-77).

E aqui temos dois pontos a considerar com mais cuidado:

a) a distinção entre acaso e aleatoriedade, pois ela nos remete ao fenômeno da abdução;

b) a seleção cumulativa, pois nos enreda, por uma associação por semelhança na descrição de como ela se processa, no fenômeno da semiose.

O fenômeno que o projeto está sistematizando com a sua idealização, simplificação e abstração, é o fenômeno da semiose. Entendendo-se a semiose como a relação entre os três termos necessários, suficientes e irreduzíveis

que, segundo Peirce, constituem o seu processo (signo é o primeiro termo, objeto é o segundo, e o terceiro é o interpretante), pode-se inferir que essa relação se faz em uma relação triádica entre signo, objeto e interpretante que é irreduzível, no sentido de que não pode ser decomposta em outra relação mais simples. Por ser processual, envolve tempo, o que faz da semiose um processo irreversível.

“...por semiose quero dizer (...) uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação de três instâncias, tais como o signo, seu objeto e seu interpretante, uma influência trirrelativa que não pode, de modo algum, ser resolvida na forma de ações entre pares” (CP 5.484).

Processo irreduzível entre signo-objeto-interpretante, a semiose pode ser entendida como um processo de significação. Para tal, é necessário primeiro esclarecer porque semiose e informação podem ser associadas, e que as noções de significado, informação e semiose se aproximam e se distinguem, ao longo da obra de Peirce. A semiose (informação) acontece nesse processo de dependência triádica, sendo o processo através do qual um objeto é comunicado para um interpretante através da mediação de um signo que ocorre em determinado momento.

Antes de prosseguir, é necessário lembrar que, para Peirce,

“(...) aquilo que é comunicado do objeto, através do signo, para o interpretante, é uma Forma, o que equivale a dizer:

não é nada como um existente, mas é um poder, é o fato de que alguma coisa aconteceria sob certas condições” (MS793, 1-3, apud QUEIROZ, 1999, pg. 155).

E se é a semiose o que instancia as cadeias de tríades aqui descritas, ela não pode ser pensada como uma tríade em si mesma. Vale lembrar que “a ênfase de Peirce não se dá sobre o conteúdo, a essência ou a substância, mas, mais propriamente, nas relações dinâmicas” (MERRELL, 1995, pg. 78). Sendo um continuum, a semiose nos faz perceber que a cadeia signo-objeto-interpretante não estanca no interpretante, uma vez que cada interpretante de uma cadeia participa também de uma outra cadeia. Encadeamentos contínuos de cadeias.

A compreensão da semiose como um processo contínuo de tríades nos impede de considerar que um projeto consitui um ponto zero em um processo investigativo. Quando projetamos, não estamos em uma origem. Todo início de projeto pode ser lido como o momento que inaugura um processo local em um fenômeno já existente. Essa inauguração se dá a partir de uma espécie de “intuição lógica”, a abdução.

Projeto epistemologicamente evolucionista

A reação entre crenças consolidadas e novas enunciações é, com frequência, a de rejeitar o que está fora dos nossos hábitos perceptivos. Sempre que isso se dá, instaura-se o pensamento religioso, aquele que se caracteriza por não rever a sua posição porque, ao ser fundado

pela crença, nela permanece. O pensamento religioso nos impede de perceber que a cada vez que algo é substituído por outro algo, o que se ganha é, de imediato, uma melhor compreensão do que foi substituído.

Além disso, o processo de substituição passa a iluminar focos que permaneciam até então obscuros e que, por terem sido iluminados, começam a estimular outros experimentos e outras observações. Os resultados que daí vão surgindo acomodam-se no movimento de trocas que vai desenvolvendo o campo no qual a troca se deu.

Não se discorda hoje que a teoria da relatividade e a mecânica quântica nos fizeram compreender com mais profundidade a física newtoniana. Albert Einstein, à princípio, não aceitou a teoria quântica porque ela era probabilística e não-local, características que violavam a sua intuição a respeito do mundo. Mais adiante, contudo, decidiu aceitá-la como provisória, por não se permitir ignorar os sucessos que a teoria quântica estava amalhando.

A proposta aqui inicialmente rascunhada ambiciona colaborar com o entendimento de que projeto pode ser tratado um dispositivo cognitivo de características evolucionistas, costurado pela abdução em todos os seus momentos de realização. A diferença principal está na questão temporal, uma vez que o projeto e seu resultado acontecem juntos. O resultado está presente de partida, já se encontra vislumbrado, delineado e 'designado' no modos como é anunciado o projeto. É tão real como o processo necessário para produzi-lo.

Projeto, processo e produto ocorrem em simultaneidade. O que pode ainda faltar quando o projeto se inicia,

é o tempo para que o real se torne existente. E na ação de transformar o real em existente não se deve esquecer da necessidade de preservar a diversidade epistemológica – estratégia alternativa à subscrição subserviente de alguma epistemologia dominante produzida pelas práticas coloniais que se consagraram no mundo acadêmico.

“A pluralidade epistemológica do mundo e, com ela, o reconhecimento de conhecimentos rivais dotados de critérios diferentes de validade tornam visíveis e credíveis espectros muito mais amplos de ações e de agentes sociais. Tal pluralidade não implica o relativismo epistemológico ou cultural mas certamente obriga a análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento. O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade interna da ciência), como na relação entre ciência e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência)” (SANTOS, 2010, pgs.18-19).

Espectros amplos da pluralidade são inspirações e expirações indispensáveis a quem faz o conhecimento avançar. Praticar a simultaneidade entre projeto-processo-produto costurada pela abdução pode, quem sabe, libertar os projetos artísticos da moldura do modelo sequencial e causal de projeto que normatiza o conhecimento acadêmico, conferindo-lhes a singularidade hoje tão ausente quanto necessária.

Bibliografia

BRADIE, Michael. "Epistemology from an Evolutionary Point of View", em *Conceptual Issues in Evolutionary Biology*, ed. SOBER Elliot, pg. 454-475, MIT Press, 1995.

BURIAN, Richard M. "Adaptation: Historical Perspectives", em *Keywords in Evolutionary Biology*, ed. por KELLER, Evelyn F. e LLOYD, Elisabeth A., pg. 7-12, Harvard University Press, 1995.

CAMPBELL, Donald T. "Blind variation and selective retention in creative thought as in other knowledge processes", em *Psychological Review*, nº 67, pg. 380-400.

DENNETT, Daniel C. *A Perigosa Idéia de Darwin. A Evolução e os Significados da Vida*. Ed. Rocco, 1998.

Digital Encyclopedia of Charles S. Peirce, ed. QUEIROZ, João e GUDWIN, Ricardo.

FODOR, Jerry. *Psychosemantics*. MIT Press, 1987.

LAKOFF, George e JONSON, MARK. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MERRELL, Floyd. "Abducting Abduction", em *Digital Encyclopedia of Charles S. Peirce*, ed. QUEIROZ, João e GUDWIN, Ricardo. <http://www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/>

MERRELL, Floyd. *Peirce's Semiotics Now*. Toronto: Canadian Scholar's Press, 1995.

QUEIROZ, João. *Semiose Segundo C.S. Peirce*. Ed. Educ/Fapesp, 2004.

QUEIROZ, João, EMMECHE, Claus & EL-HANI, Charbel Niño. "Information and Semiosis in Living Systems: A Semiotic Approach", em *S.E.E.D Journal (Semiotic, Evolution, Energy and Development)*.

PROCHNOW, Miriam; SCHAFFER, W.B. Pequeno manual para elaboração de projetos. Rio do Sul: APREMAVI7A-MAVI7FEEC, 1999, (Apostila de curso).

SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula, orgs. Epistemologias do Sul. Cortez Editora, 2010.

SIMONTON, Dean K. A Origem do Gênio. Perspectivas Darwinianas sobre a Criatividade. Ed. Record, 2002.

WEST-EBERHARD, Mary Jane. "Adaptation: Current Usages", em *Keywords in Evolutionary Biology*, ed. por KELLER, Evelyn F. e LLOYD, Elisabeth A., pg. 13-18, Harvard University Press, 1995.

WIRTH, Uwe. "Abduction, Wit, Stupidity – From Peirce to Freud", em *Digital Encyclopedia of Charles S. Peirce*, ed. QUEIROZ, João e GUDWIN, Ricardo. <http://www.digital-peirce.fee.unicamp.br/>